

## SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO E PANDEMIA DE COVID-19: um estudo de caso.

Franciany Elstner<sup>1</sup>  
Andreza Aparecida Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** Com o advento da pandemia do Covid-19 a educação foi um seguimento muito afetado, pois com a suspensão das aulas presenciais muitas incertezas se instalaram. Como solução as aulas passaram a ser realizadas à distância, que exigiu do professor uma adaptação urgente e forçada, afetando negativamente a saúde destes profissionais. Assim, o presente estudo buscou responder: de quais formas essa pandemia afetou a saúde mental dos professores do ensino fundamental das escolas públicas? Como objetivo geral, buscou demonstrar as formas que a pandemia afetou a saúde mental dos professores do ensino fundamental de escolas públicas da cidade de Sete Lagoas-MG, que atuam junto a turmas do 1º e 3º anos iniciais. Os objetivos específicos consistiram em compreender as alterações na prática profissional decorrentes da pandemia e identificar as consequências destas mudanças na saúde física e mental dos professores. Essas alterações podem interferir no processo de qualidade do ensino, o que distingue a relevância deste estudo. A metodologia adotada foi de pesquisa qualitativa, descritiva, com o procedimento de estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, realizada com 10 professores da cidade de Sete Lagoas – MG, e analisadas por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin. Como resultados, pode-se perceber que a saúde dos professores foi afetada de modo a apresentar sintomas físicos e psíquicos, como dores, angústia, tristeza e depressão. Além disso, o aumento da jornada de trabalho impactou de forma negativa a qualidade de vida e interação familiar.

**Palavras-chave:** Pandemia. Covid-19. Educação Pública. Professores. Adoecimento.

**Abstract:** With the advent of the Covid-19 pandemic, education was a very affected segment, as with the suspension of face-to-face classes, many uncertainties were installed. As a solution, classes started to be held at a distance, which demanded an urgent and forced adaptation of the teacher, negatively affecting the health of these professionals. Thus, the present study sought to answer: in what ways did this pandemic affect the mental health of public elementary school teachers? As a general objective, it sought to demonstrate the ways in which the pandemic affected the mental health of elementary school teachers in public schools in the city of Sete Lagoas-MG, who work with classes in the first and third years. The specific objectives were to understand the changes in professional practice resulting from the pandemic and to identify the consequences of these changes on teachers' physical and mental health. These changes may interfere with the teaching quality process, which distinguishes the relevance of this study. The methodology adopted was qualitative, descriptive research, with the case study procedure. The data were collected through a semi-structured interview, carried out with 10 teachers from the city of Sete Lagoas - MG, and analyzed through the content analysis proposed by Bardin. As a result, it can be seen that the teachers' health was affected in order to present physical and psychological symptoms, such as pain, anguish, sadness and depression. In addition, the increase in working hours had a negative impact on quality of life and family interaction.

**Descriptors:** Pandemic. Covid-19. Public education. Teachers. Illness.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de psicologia, da Faculdade Ciências da Vida. frelstner@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Especialista em Atendimentos Sistêmico de Famílias e Redes Sociais - Mestre em Ensino em Saúde. Professora do curso de psicologia, da Faculdade Ciências da Vida. andrezardtna@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 começou com a notícia da circulação de um novo vírus, o Sars-CoV-2 (Covid-19), responsável por uma síndrome respiratória aguda grave, com alto potencial de contaminação, complicações na saúde e morte, se tornando uma preocupação sanitária mundial (SCHMIDT *et al.*, 2020). A partir de então, todos os estudos em torno do vírus, seus efeitos, seu tratamento e cura, foram feitos. Porém, o vírus se apresentou letal e contagioso, e as propostas passaram a girar em torno da prevenção do contágio (BROOKS *et al.*, 2020).

As principais propostas de prevenção foram o distanciamento social, o uso de máscaras e demais equipamentos de proteção individual (EPI), álcool em gel e a higienização das mãos. Além disso, muitas empresas adotaram o trabalho no formato *home office* e o Governo, em busca da diminuição de riscos de contaminação, suspendeu as aulas presenciais e adotou a modalidade de ensino remoto (BRASIL, 2020). Assim, sem preparação prévia, os professores precisaram se adaptar a essa forma de ensino e ao uso das tecnologias digitais, pois ensinar exige do professor estratégias para promover a aprendizagem e interação, principalmente nos primeiros anos, momento em que as crianças precisam também desenvolver suas habilidades sociais (LOPES, 2020). E, frente à insegurança das mudanças, os professores tiveram sua saúde mental afetada (SCHMIDT *et al.*, 2020).

A saúde mental do profissional pode interferir de forma direta ou indireta em sua prática. Sob este prisma, justifica-se a relevância deste estudo, uma vez que a saúde mental do professor pode afetar a qualidade do ensino a ser ofertado. Se mostra importante para o profissional de saúde que deve considerar as nuances ocupacionais deste grupo específico, favorecendo o desenvolvimento de um atendimento mais adequado, pois esse contexto de insegurança, medo, isolamento social e instabilidade financeira, interfere na saúde mental da população em geral. Ainda, por reconhecer a importância no processo de desenvolvimento de uma nação, destaca-se a relevância deste estudo, tendo em vista que este possibilita compreender o contexto de atuação do professor durante a pandemia e os resultados desta em sua saúde mental, favorecendo o desenvolvimento de reflexões e ações futuras que possam acolher de forma mais assertiva este grupo profissional, imprescindível para a sociedade.

A partir desta contextualização, questionou-se: de quais formas a pandemia do Covid-19 afetou a saúde mental dos professores do ensino fundamental das escolas públicas? Como pressupostos, acredita-se que devido a mudança de aulas presenciais para *online*, a saúde mental do professor foi afetada com a sobrecarga do trabalho que passou a ser realizado em casa,

gerando transtornos como ansiedade, estresse e consequências como dores no corpo e insônia. Desta forma, o objetivo geral buscou demonstrar as formas que a pandemia afetou a saúde mental dos professores do ensino fundamental de escolas públicas da cidade de Sete Lagoas-MG, que atuam junto a turmas do 1º e 3º anos iniciais.

Os objetivos específicos deste estudo se deram no sentido de compreender o trabalho do professor junto a alunos dos anos iniciais da educação básica e as mudanças ocasionadas devido à pandemia; e identificar as consequências destas mudanças na saúde mental e física dos professores. A metodologia utilizada neste artigo se classifica como uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva, que partiu do método indutivo. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista com 10 professores do ensino fundamental da cidade de Sete Lagoas – MG, e sua análise foi feita através da análise de dados segundo Bardin (2011).

Como resultados, pode-se demonstrar que a pandemia afetou significativamente a saúde dos professores, bem como sua rotina e seu convívio familiar, resultando em sintomas como angústia, tristeza, dor nas costas, aumento de peso, entre outros. Assim, a presença do psicólogo para auxiliar os professores se mostrou necessária, pois o apoio psicológico pode ser um suporte neste período de mudanças e exigências.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Os direitos à educação e a pandemia**

A Constituição Brasileira de 1988 preconiza a educação como um direito fundamental do ser humano (BRASIL, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reforça este direito, destacando a importância da educação, pois é através dela que se inicia a socialização, o aprendizado e a construção da cidadania (BRASIL, 1990). Partindo destes princípios, a profissão do professor se mostra importante, visto que ao atuar nas salas de aula, garante que o direito à educação seja cumprido. Porém, mesmo antes da pandemia, os professores já sofriam com o sucateamento da educação. E com a introdução das aulas remotas, que dependem de aparelhos tecnológicos e acesso à internet, este sucateamento se evidenciou, pois o Estado exigiu dos profissionais o uso destas tecnologias sem dar o devido suporte, para que esta nova realidade fosse implantada com sucesso (CRIPRIANO; ALMEIDA, 2020).

Esta modalidade de ensino é preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que postula que o ensino à distância pode ser utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais (BRASIL, 1996). Neste cenário, os professores

precisaram adaptar a vida pessoal ao ambiente de trabalho, mas devido a falta de delimitação, o trabalho invadiu a esfera privada gerando uma dupla jornada laboral (SOUZA *et al.*, 2020).

Vygotsky (2001) ao propor a abordagem da educação integradora, demonstrou que o processo de desenvolvimento humano ocorre de forma conjunta nos campos biológicos e culturais. Portanto, o professor é um importante mediador no processo de ensino-aprendizagem infantil, já que a educação nos primeiros anos é dotada de afeto e estreitamento das relações sociais, fatores que ficaram prejudicados com as aulas remotas (PEDROSO, 2019). Segundo Freire e Macedo (1990), nos anos iniciais nos quais a alfabetização acontece, cabe ao professor estimular o aluno a desenvolver a criticidade que possibilitará uma melhor compreensão e reconhecimento da importância da leitura e da escrita, conscientizando a criança a partir de suas próprias vivências, que antes eram mediadas pela influência dos adultos.

Neste cenário, a maioria das aulas à distância são realizadas pelo aplicativo *WhatsApp*, através do qual são enviados os vídeos e as atividades propostas e são recebidas as dúvidas e as respostas dos alunos. E, para conseguirem manter o emprego e continuarem o trabalho, os professores que não possuíam *smartphone* ou computador tiveram que adquirir (SOUZA *et al.*, 2020). Assim, os professores precisaram reaprender as formas de lecionar, ao mesmo tempo em que aprendiam a lidar com *smartphones*, computadores e plataformas digitais para preenchimento dos diários e produção de material midiático, sem treinamento ou preparação (CRIPRIANO; ALMEIDA, 2020; LADEIRA; PRADO; INFRAN, 2020).

Os professores que lecionam para alunos com rendas menores tiveram mais dificuldade para alcançar esse público uma vez que estes alunos não têm acesso à internet ou a aparelhos eletrônicos, fato que se tornou uma preocupação extra (CRIPRIANO; ALMEIDA, 2020). Além disso, outra dificuldade encontrada foi a participação das famílias nas atividades, pois nem todas tem conhecimento suficiente ou tempo disponível para o auxiliar na educação dos filhos (DIAS; PINTO, 2020). Assim, os desafios, mudanças e adaptações geraram preocupações, estresse e transtornos emocionais, afetando a saúde dos professores.

## **2.2 A saúde mental em meio à pandemia**

Pandemias desencadeiam, além de crises na saúde, crises políticas e socioeconômicas (SCORSOLINI-COMIN; ROSSATO; SANTOS, 2020). A pandemia do Covid-19 já é considerada a pior pandemia desde a gripe espanhola, uma vez que, como resultado do contágio descontrolado, o tempo previsto para a duração desta pandemia se estendeu, passando a afetar

a saúde mental das pessoas pela ameaça de ser contaminado e vir a óbito, gerando sintomas de ansiedade, estresse e depressão (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Devido à alta taxa de contaminação e ao fato de que, em alguns casos, os infectados não apresentaram sintomas, o isolamento social foi necessário (SILVA *et al.*, 2020). Porém, este isolamento é também um fator para o adoecimento psicológico, já que o ser humano é um ser social e necessita de contato. Além disso, este período de pandemia tende a ter um potencial de tornar os problemas de saúde mental mais graves, porque afeta a rotina e traz mudanças sociais profundas, que abarcam o convívio social, laboral e familiar (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Mesmo diante do aumento dos índices de ansiedade e depressão, as pessoas tendem a não valorizar os cuidados com a saúde mental e somente quando a crise alcança sua fase mais aguda é que elas buscam por tratamento (BROOKS *et al.*, 2020). Assim, é necessário um olhar voltado à saúde mental do professor, pois seus sintomas são silenciosos (SOUZA *et al.*, 2020)

### **2.3 O sofrimento psicológico dos professores**

Dejours (2008) afirma que o trabalho está intrinsecamente ligado à saúde mental, e pode gerar prazer ou sofrimento. Neste contexto, as dificuldades enfrentadas pelos professores, somadas às horas trabalhadas que, para alguns aumentaram em até 50% na pandemia, podem desencadear sofrimento psicológico (LADEIRA; PRADO; INSFRAN, 2020). Além disso, as professoras do sexo feminino tendem a sofrer mais com o trabalho em casa, pois se acumulam as funções profissionais, educação dos filhos e os serviços domésticos (SOUZA *et al.*, 2020).

O trabalho do professor por si só já tem sido apresentado como um labor com altos índices de adoecimento e a mudança do ensino tradicional para o modo remoto, segundo Rodrigues *et al.* (2020), é para a classe dos docentes uma combinação de excesso e precarização das condições de trabalho, podendo ampliar a possibilidade de adoecimento. Isto se dá devido a existência de todo um contexto social de subvalorização dos professores, que mesmo sem recursos foram pressionados a elaborar aulas adaptadas ao novo formato para que a qualidade do ensino não fosse prejudicada (SILVA *et al.*, 2020). Este fato contribuiu para o desenvolvimento de sintomas psicossomáticos, bem como de doenças psíquicas. Pode-se citar como exemplos: a síndrome de *Burnout*, pânico, ansiedade, depressão, distúrbios vocais, do sono, entre muitos outros sintomas (LADEIRA; PRADO; INSFRAN, 2020).

Em uma pesquisa com 100 professores dos anos iniciais do ensino fundamental, Silva, Bolsoni-Silva e Loureiro (2018) observaram que 40% dos professores apresentava sintomas de

exaustão emocional, que é um dos principais sinais da síndrome de *Burnout*, e 23% apresentava sintomas de depressão. Os autores relacionaram este resultado ao aumento do trabalho, desvalorização, cobrança excessiva e precariedade das condições de trabalho. No que se refere à Síndrome de *Bournout*, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (APA, 2014), não apresenta sua classificação. Já a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) aponta a síndrome de *Burnout* como uma doença diretamente ligada ao labor, abrangendo questões emocionais como o sentimento de exaustão e esgotamento.

Souza *et al.* (2020) apresenta em sua pesquisa com professores a depressão e a ansiedade. Em se tratando da depressão, tanto o CID 10 quanto o DSM-5 destacam-na como um transtorno que apresenta humor deprimido, cansaço, perda de interesse e de prazer, com alterações no sono, apetite, concentração, medo, entre outros. Alguns destes sintomas também podem ser encontrados na ansiedade, como a insônia, as perturbações do sono, angústia e o pânico (APA, 2014). Neste contexto, muitos professores precisam utilizar de medicamentos em decorrência dos adoecimentos relativos à profissão, bem como apresentam a necessidade de intervenções psicológicas (LADEIRA; PRADO; INSFRAN, 2020).

Especialmente durante o período pandêmico, a intervenção psicológica é recomendada principalmente devido às consequências na saúde mental. E, de acordo com a Resolução CFP nº 4/2020, diante da situação imposta pela pandemia, o atendimento psicológico pode ser realizado de forma *online* (CRP, 2020). Assim, mesmo no isolamento os psicólogos podem oferecer seus serviços aos professores.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo se classifica como um estudo de caso, qualitativo e descritivo, pois busca descrever as consequências da pandemia na saúde mental dos professores. O método utilizado nesta pesquisa é o de estudo de caso, que ocorre a partir de um estudo profundo de poucos objetos, de forma a demonstrar um conhecimento detalhado do assunto (GIL, 2002).

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para o embasamento do estudo de caso, que se deu a partir da entrevista com 10 professores que lecionam entre o 1º e 3º anos da educação básica, uma vez que esta é uma parte do ciclo da educação que muito exige do acompanhamento do professor, já que os alunos estão em pleno processo de alfabetização. Como critérios de inclusão, os professores deveriam estar atuando a mais de 5 anos em escolas públicas e terem atuado durante o ano de 2020. Foram excluídos aqueles que não aceitaram

assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou que não trabalharam no ano de 2020 junto às turmas de 1º e 3º anos da educação básica.

O contato com os profissionais foi feito a partir de ligações telefônicas para o convite à participação neste estudo, bem como foi pedido contatos de outros profissionais que atuassem dentro dos critérios de inclusão já especificados acima, caracterizando assim uma amostra alcançada pelo método bola de neve. Este método, segundo Vinuto (2014) se caracteriza por um participante indicar outros, do mesmo grupo ou que apresentem características específicas.

O instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo consistiu em entrevista semiestruturada, constituída de 13 questões abertas que permitem ao entrevistado discorrer sobre o tema de forma livre (MINAYO, 2009). Para o seu desenvolvimento, foi utilizado o aplicativo *Google meet*, dada a necessidade de distanciamento devido à pandemia. As entrevistas foram realizadas após leitura, compreensão, concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo gravadas e transcritas.

Respeitando as normas éticas, todos os nomes dos entrevistados foram mudados para um código: P1, P2, P3, assim por diante, conforme pode ser demonstrado no Tabela 1:

**Tabela 1:** perfil dos participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Sexo	Estado Civil	Filhos	Tempo de Atuação	Turma de atuação
P1	33 anos	Masculino	Solteiro	0	8 anos	3º ano
P2	42 anos	Feminino	Casada	2	15 anos	3º ano
P3	38 anos	Feminino	Casada	1	14 anos	2º ano
P4	38 anos	Feminino	Solteira	0	16 anos	3º ano
P5	55 anos	Feminino	Casada	1	19 anos	2º ano
P6	50 anos	Feminino	Casada	2	12 anos	1º ano
P7	49 anos	Feminino	Solteira	2	26 anos	1º ano
P8	48 anos	Feminino	Solteira	2	20 anos	3º ano
P9	54 anos	Feminino	Solteira	1	15 anos	3º ano
P10	42 anos	Feminino	Casada	2	7 anos	3º ano

**Fonte:** dados da pesquisa

Conforme dados da Tabela 1, foram entrevistados 10 profissionais da educação. A média da faixa etária dos colaboradores é de 44,9 anos de idade. Desses, nove são do sexo feminino e um do sexo masculino. Cinco são solteiros e cinco são casadas, oito possuem filhos

e dois não possuem. A média de tempo de atuação é de 15,2 e as turmas nas quais atuam consistem em: seis no 3º ano, dois no 1º ano e dois no 2º ano.

A análise dos dados foi desenvolvida de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011), que caracteriza-se pela progressão de três etapas: a pré-análise, que organiza o material a partir de uma leitura inicial; a exploração do material, na qual é feita uma leitura profunda e exaustiva, favorecendo a percepção de indicadores de sentido que norteiam a distinção de unidades de sentido (US). Por fim, a terceira etapa equivale à inferência ou interpretação dos dados. Assim, a análise do *corpus* desta pesquisa evidenciou três eixos de análise: Eixo 1 - “O trabalho invade a casa”, Eixo 2 - “Treinamento” e Eixo 3 - “Saúde Mental”. Esses eixos organizaram as US e suas respectivas categorias, conforme apresentado na Tabela 2:

**Tabela 2.** Categoria, Unidade de Sentido, Frequências absolutas e relativas

<b>Categoria</b>	<b>Unidade de sentido</b>	<b>F A</b>	<b>FR</b>
Eixo 1 – Trabalho invade a casa			
Cuidado com o Lar	1) Sentimento de negligência com a família	5	7,25%
	2) Dificuldade de cuidado com o ambiente doméstico	5	7,25%
	3) Não teve dificuldade de cuidado com ambiente	3	4,35%
Total da categoria		13	18,84%
Sobrecarga de trabalho	1) Excesso de carga horária	7	10,14%
	2) Privacidade	5	7,25%
Total da categoria		12	17,39%
Eixo 2: Treinamento			
Suporte	1) Suporte institucional insuficiente	10	14,49%
	2) Apoio de terceiros	5	7,25%
Total da categoria		15	21,74%
Eixo 3 – Saúde mental			
Adoecimento	1) Antes da pandemia	2	2,90%
	2) Pós pandemia	8	11,59%
Total da categoria		10	14,49%
Sinais	1) Psicossomáticos	10	14,49%
	2) Busca por tratamento	3	4,35%
	3) Preocupação com os alunos	6	8,70%
Total da categoria		19	27,54%
<b>TOTAL</b>		<b>69</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** A autora



Conforme demonstrado pela tabela 2, o eixo de análise que possui maior intensidade é o Eixo 3: “Saúde Mental”, com uma frequência absoluta (FA) de 29 e frequência relativa (FR) de 42,03%. Nesse eixo, identificou-se as categorias adoecimento e sinais. Essa obteve maior expressividade por meio da FA de 19 e a FR de 27,54%. Essa foi composta pelas seguintes US: *psicossomáticos* com a FA de 10 e a FR de 14,49%, *preocupação com os alunos* com a FA de 6 e a FR 8,70% e *busca por tratamento* com a FA de 3 e a FR de 4,35%. A outra categoria presente é o adoecimento, que possui como US: *pós pandemia*, com a FA de 8 e a FR de 11,59% e *antes da pandemia*, com a FA de 2 e a FR de 2,90% de intensidade.

Ainda de acordo com a tabela, o segundo Eixo com maior intensidade foi o “Trabalho invade a casa”. Esse constituiu-se pela categoria cuidado com o lar que apresentou as US *sentimento de negligência com a família*, com a FA de 5 e a FR de 7,25%, *dificuldade de cuidado com o ambiente doméstico* com a FA de 5 e a FR de 7,25%, *não teve dificuldade de cuidado com ambiente* com a FA de 3 e a FR de 4,35%. Além disso na categoria sobrecarga de trabalho apresentou as US: *excesso de carga horária* com a FA de 7 e a FR de 10,14%, e *privacidade* com a FA de 5 e a FR de 7,25%.

Por fim, apresenta-se o Eixo 2 “Treinamento”, de menor expressividade, composta pela categoria Suporte. Essa constituiu-se das US *suporte institucional insuficiente e apoio de terceiros*, que apresentou maior intensidade por meio da FA de 10 e a FR de 14,49%, e a US *apoio de terceiros*, presente em menor intensidade com a FA de 5 e a FR de 7,25%.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Reorganização da rotina: quando o trabalho invade a casa**

As dificuldades de adaptação dos professores no trabalho desenvolvido em casa (*home office*) foi um dos pontos mais ressaltados durante as entrevistas, principalmente em relação à sobrecarga de trabalho, falta de tempo para cuidado com os filhos e com o lar e ainda a invasão de sua privacidade através dos aplicativos utilizados como substitutos às aulas. Esta adaptação se deu devido a pandemia de covid-19 ter levado, entre outras coisas, à proibição das aulas presenciais. Ao dar as aulas de forma remota, os professores necessitavam estar à disposição durante os horários referentes às aulas (SOUZA; AGUIAR, 2020).

Neste sentido, segundo os entrevistados a rotina em casa mudou, principalmente em relação ao tempo e aos cuidados com a família, visto que o acúmulo do trabalho gerou ou intensificou uma dupla jornada de trabalho, resultando em sobrecarga, menos tempo para si,

para seu lazer e para a convivência familiar, gerando ainda um sentimento de negligência com a família, conforme pode ser notado nas falas abaixo:

“Me sinto sobrecarregada.” (P3)

“As tarefas de casa em relação a pandemia são feitas quando dá e a hora que dá, não tem mais aquela rotina né? Igual meu caso, meu neto sempre ficava comigo agora não, porque eu não tenho tempo para poder cuidar.” (P8)

“Essa imersão quase que em tempo integral faz com que a família seja deixada em segundo plano e o tempo de qualidade partilhados vão se tornando escassos.” (P10)

Faro *et al.* (2020) explicam que as mudanças ocasionadas pela pandemia afetam a rotina de diversas formas, mas principalmente a rotina familiar, laboral e o convívio social, uma vez que ao se propor o isolamento social, toda a rotina que os indivíduos estavam acostumados, seus horários definidos e a convivência com pessoas do ambiente extrafamiliar, entre outros, passou a não existir, trazendo consequências na convivência familiar.

No caso dos professores que possuem filhos pequenos, ensinar as tarefas e acompanhar as aulas dos filhos ou netos, acabou por se tornar mais um acúmulo de tarefa. Porém, ao se comparar as falas dos entrevistados solteiros e sem filhos com as demais, notou-se que as mudanças foram menos impactantes na rotina e nos afazeres domésticos dos solteiros, o que leva a questionar a sobrecarga que recai sobre as mulheres, casadas ou não, que possuem filhos e netos e que acabam por ter a responsabilidade redobrada em casa.

“Agora não tenho muito tempo para a família. Preciso de ajudar nas atividades da escola do meu filho, eu que faço o acompanhamento com ele.” (P3)

“Trabalhar em casa leva as outras pessoas da família a agir de forma omissa, como você está em casa é obrigada a resolver todas as questões da casa. Temos enraizado de que as mulheres trabalhando fora ou não, são responsáveis por todo trabalho doméstico mesmo quando sua renda é parte importante da receita da família.” (P10)

Corroborando com os resultados desta pesquisa, Souza *et al.* (2020) ressaltam que uma das consequências do trabalho remoto é o aumento da carga horária de trabalho principalmente das mulheres, pois ao estar em casa, os serviços domésticos acabam por serem cobrados delas. Resultados parecidos com os encontrados por Bridi, Bezerra e Zanoni (2020) que, ao comparar as consequências do trabalho entre homens e mulheres, constatou uma grande diferença quando se trata do trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, dado que estes ficaram a cargo das mulheres e aos homens não são cobrados, sobrando mais tempo para o descanso. Desta forma, destaca-se a sobrecarga em relação à condição de gênero, que impõe às mulheres a obrigação

dos serviços domésticos. Conforme identificado no Quadro 1, apenas dois colaboradores disseram não ter sentido mudanças em relação aos trabalhos domésticos, sendo ambos solteiros e um destes do sexo masculino, como pode ser observado abaixo:

“Na minha realidade é mais cômodo, porque eu não tenho pessoas aqui para me atrapalhar enquanto dou minhas aulas.” (P4)

“A rotina em casa não mudou. As tarefas como cozinhar e lavar são feitas por rodízios pelas mulheres moradoras da casa. Os homens contribuem com tarefas menores com lavar louça.” (P1)

Ainda no contexto do *home office*, os limites de horários para o trabalho extrapolam o convencional, pois o uso da tecnologia invade a esfera privada (SOUZA *et al.*, 2020; BRIDI, 2020). Assim, os professores passaram a encontrar algumas dificuldades que na escola não existiam, como atender aos pais em horários inapropriados e nos fins de semana, gerando incômodo e o sentimento de invasão de sua privacidade.

“Apesar de ter uma comodidade de estar em casa, o serviço me sufoca. Querendo ou não, a gente precisa flexibilizar também o horário de receber as atividades e dar uma orientação para os pais. A gente fica muito mais horas do dia por conta do trabalho. Já tive casos de receber atividades depois de meia-noite, e me senti muito invadida, mesmo quando termina meu horário não consigo me desligar.” (P4)

“Em casa ficamos o tempo todo no telefone, pois alguns pais acham que estamos disponíveis o tempo todo.” (P6)

Segundo Verdasca (2021), antes mesmo da pandemia se estabelecer, o horário de trabalho do professor já invadia o lar, pois era necessário que os planejamentos e correções das provas e atividades fossem feitos em casa. Com a pandemia, estes horários extrapolaram todos os limites, porque os pais e colegas de trabalho passaram a invadir o espaço doméstico através das mensagens nos aplicativos com assuntos inerentes ao trabalho, ocasionando inclusive, uma sobrecarga psicológica. Bridi (2020) explica que o trabalho quando realizado de modo remoto, faz com que o trabalhador fique acessível 24 horas por dia, porém essa acessibilidade não deveria ser confundida com disponibilidade, pois as leis e contratos de trabalho estabelecem limites ao tempo dedicado ao labor (BRIDI, 2020).

#### **4.2 O processo ensino-aprendizagem na pandemia: adaptações**

O professor é uma figura essencial em toda sociedade, pois é ele quem ensina e orienta os cidadãos no processo de aprendizagem, socialização, compreensão do mundo e da cultura

na qual o indivíduo está inserido. Melo e Cerdeira (2018) ressaltam que o afeto é um dos principais componentes para a educação infantil, por isso os entrevistados entendem que a profissão de professor vai além das atividades laborais. Os autores apontam que são estes fatores afetivos que estimulam o profissional a buscar as melhores formas de realizar o processo de ensino-aprendizagem, porém a mudança do ensino presencial para o ensino à distância exigiu rapidez nesta adaptação (VERDASCA, 2020). Em alguns casos, foi relatado pelos entrevistados a compra de aparelhos para poderem dar a aula, ou mandar para a assistência os aparelhos que já tinham, sem apoio financeiro por parte do governo, gerando dívidas.

“Fiquei devendo, pagando parcelado para desenvolver o trabalho adequado.” (P7)

“Tive que comprar mais um notebook.” (P2)

“Meu celular não suporta, está travando, tive que mandar para a assistência.” (P4)

Esta falta de aparelhos para o trabalho também foi apontada no estudo de Bridi, Bezerra e Zanoni (2020), que ressaltaram que a falta de computadores e *smartphones*, que são parte da estrutura necessária para o ensino remoto foi uma das maiores reclamações dos profissionais e que esta se deu devido à falta de tempo e planejamento para essa adaptação.

Segundo a maioria dos entrevistados, para o conhecimento e adaptação para as aulas à distância, foi oferecido pelo governo um curso *on-line*, através do qual pouco se aprendeu, pois não houve reforço do conteúdo ou suporte para as dúvidas posteriores. Os entrevistados declararam que precisaram contar com a ajuda de familiares e amigos para conseguir realizar as tarefas propostas. Estes fatos foram citados como causas de estresse, uma vez que as cobranças de seus superiores aumentaram, mesmo diante das dificuldades.

“Na rede de ensino estadual tivemos cursos *on-line* muito longos que acabaram sobrecarregando ainda mais o dia-a-dia e de nada acrescentou. Não recebemos ajuda de ninguém, pelo contrário só cobranças. A ajuda que temos são as colegas de serviço que uma apoia a outra, repassando o que sabem.” (P3)

“Com a falta de conhecimento com as ferramentas tecnológicas que eles vão jogando em cima da gente, eu me sinto uma pessoa analfabeta, é muito constrangedor, de verdade. Não teve suporte, foi cada um no seu canto se virando da maneira que pode, corre atrás, pede alguém para ajudar. Muito difícil, só que eles vão cobrando. Então assim eu acho que é até um descaso com o funcionário.” (P8)

Em sua maioria, os entrevistados apresentaram muitas dificuldades, pois não tinham familiaridade com as ferramentas digitais, como computadores e aplicativos:

“Ferramentas que nem sabemos manusear, editar e gravar vídeo, sistema de lançamento das atividades, Excel, Word, etc.” (P6)

“O contato com o computador, formatação de atividades, e ferramentas.” (P4)

“No geral muitos professores têm pouca, ou nenhuma habilidade com computador. Devido a ansiedade e insegurança quanto ao uso das ferramentas e recursos para o trabalho, fez com que aumentasse ainda mais o estresse.” (P9)

Outra característica importante observada no discurso dos professores entrevistados, foi a presença de preocupação com o processo de aprendizagem dos alunos e as dificuldades destes diante da acessibilidade tecnológica.

“As dificuldades são na maioria das vezes a falta de conhecimento da tecnologia e principalmente, a desigualdade entre as famílias que não dispõe de internet.” (P6)

“Antes o professor tinha uma relação com os alunos, agora o professor se desgasta muito com a relação com os pais, porque ele precisa influenciar os pais a querer ser tutor do filho, ne? Então ficou muito mais pesado para o professor.” (P2)

Segundo o UNICEF (2020), o fechamento das escolas é um fator estressor pois as crianças passam a ficar em casa, impactando as rotinas familiares e proporcionando problemas de ensino aprendizagem devido à falta de aulas. Além desses pontos, ainda foi ressaltado pelos entrevistados que os sentimentos em relação a essa nova metodologia de ensino são conflitantes e variam entre frustração, falta da presença física, sobrecarga e sentimento de descaso, à uma visão positiva para o aprendizado e atualização.

“Penso eu que esse ensino atual é pra inglês ver né? Porque se nós como adultas não estamos conseguindo acompanhar o dia a dia, esses meninos, será que eles estão pelo menos aí pra essas aulas? Eu acho que vai só piorar porque atualmente o ensino já não presta mesmo. [...] a gente tá servindo de bobo, de palhaço.” (P8)

“Essa modalidade de ensino é muito rica, muito importante, eu vejo como positiva, só que não houve uma introdução, já chegamos assim, então o novo assusta. Agora, nada substitui a aula presencial.” (P2)

“Me sinto muito desafiada, diante de tantas coisas novas, novidades em cima de novidades, o que me faz correr atrás e procurar me atualizar a todo vapor.” (P5)

Em concomitância a estes resultados, Verdasca (2020) aponta que a soma das dificuldades dos profissionais em se adaptarem ao meio eletrônico, bem como das famílias em participarem do processo da educação à distância, ocasionou várias consequências como a baixa participação dos alunos e atraso nos conteúdos, de forma que os professores se sentem incapacitados neste novo contexto e preocupados com o resultado de tantas adaptações. Assim, como resultado, o adoecimento de alguns profissionais pode ser observado.

### 4.3 O corpo fala: sintomas decorrentes das mudanças

Após a análise, foi possível identificar acometimentos psicossomáticos desenvolvidos pelos professores no decurso de sua adaptação com a inserção das aulas remotas. Conforme demonstrado na tabela 1, este foi o eixo de análise com maior intensidade, o que reforça a importância dos acometimentos destas mudanças na saúde dos professores, pois as mudanças decorrentes da pandemia incorreram em resultados na saúde física e psíquica dos professores. A alteração mais citada foi a sobrecarga, seguida de ansiedade, dores físicas decorrentes da postura de trabalho sentada, insônia, medo, descontrole emocional, estresse, esgotamento, constrangimento, tensão, apreensão, pânico, dor de cabeça, irritação, insegurança, aumento de peso, cansaço excessivo, problemas na vista devido à exposição ao computador, refluxo, depressão, hemorroidas, tristeza e angústia.

“Eu tenho tido dores de cabeça direto. A invasão dos pais me mandando atividades tarde da noite me causou irritação, nem consegui dormir.” (P4)

“Ansiedade, angústia, problemas gástricos como refluxo.” (P1)

“Sinto dores nas costas, por ficar bastante tempo em frente ao computador.” (P5)

“Essa exposição do olho com a tela a tarde inteira prejudicou muito.” (P2)

“Engordei, fico muito tempo sentada, entrei em depressão, adquiri problemas de inchaço, desenvolvi hemorroida, não consigo andar distâncias longas. Tive que pagar o tratamento, fiquei de licença, foi um grande transtorno.” (P7)

“Ansiedade, sentimento de descrença e incertezas. Descuido com a própria aparência, falta de estímulos para se envolver em projetos, comer compulsivamente, sensação constante de medo de se contaminar e morrer.” (P10)

“É medo, é ansiedade, é desânimo, é insegurança, é aumento de peso, é descontrole emocional, é pânico. A saúde alterou toda, já não ia bem piorou mais ainda.” (P8)

Estes resultados vão ao encontro a outras pesquisas, como a realizada por Souza *et al.* (2020) que encontrou como principais distúrbios entre os professores, desenvolvidos ou agravados durante a pandemia: cansaço e perturbações do sono, como insônia ou sono que não é reparador, angústia, esgotamento mental, sofrimento, nervosismo, estresse, irritabilidade, ansiedade, medo, depressão e pânico.

Em uma pesquisa realizada com professores, Ladeira, Prado e Insfran, (2020) encontraram como principais problemas de saúde desenvolvidos na pandemia pelos professores: ansiedade, crise de pânico, distúrbios do sono, enxaqueca e distúrbios vocais. Entre as principais razões que os professores relacionaram ao aparecimento destas doenças foi o descaso, a falta

de apoio, aumento da carga horária, invisibilidade, a privação do convívio social e a sobrecarga das atividades domésticas. A pesquisa demonstrou também um aumento do consumo de psicofármacos pelos professores, pois se tornaram um suporte para auxiliá-los na jornada letiva. Neste sentido, a necessidade da busca por profissionais da saúde mental como o psicólogo se mostrou presente em algumas falas, como no exemplo abaixo:

“A gente está vivendo uma pressão muito forte, uma pressão psicológica muito forte. Eu acho que deveria ter mais entendimento. Antes da real situação já tive necessidade de ajuda, mas em relação a hoje eu acho que se fosse para eu estar internada em um hospital psiquiátrico seria a melhor coisa, porque às vezes eu poderia estar sedada para não ver tanta coisa errada, tanta desordem, tanta perda, me sentindo assim uma pessoa incapaz.” (P8)

“Acredito que nesse cenário de incertezas e angústias para um futuro breve uma ajuda profissional é fundamental.” (P1)

Quando questionados se já sentiam algum destes sintomas antes, três entrevistadas relataram já estarem em tratamento, porém com a pandemia os sintomas pioraram, apresentando a necessidade de um suporte maior pelos profissionais de saúde mental.

“Eu faço análise. Antes eu fazia quinzenal. Na pandemia eu passei a fazer semanal. E acho que é o que me suporta, é o meu pilar.” (P4)

“Já fazia tratamento antes da pandemia por ter adoecido no trabalho. Os sintomas que sentia antes estão mais fortes agora.” (P3)

Entre os entrevistados, 4 relataram que a pandemia, juntamente com as alterações na rotina e nos modos de trabalho, trouxe novos sintomas, porém não buscaram tratamento junto a profissionais de saúde como psicólogos, por questões financeiras, falta de tempo e preconceito. Já 2 entrevistados relataram que apesar das mudanças e sintomas, não pensaram em buscar ajuda, pois conseguiram lidar sozinhos.

“Dificuldade para a busca, até que não né? Às vezes é assim aceitação mesmo que você pensa que será que eu estou doida, será que eu preciso mesmo disso?” (P8)

“Dificuldade financeira. Para ter resultado precisa de várias sessões.” (P3)

Em 2018, antes de todas as mudanças ocasionadas pela pandemia, Silva, Bolsoni-Silva e Loureiro (2018) já chamava atenção para a exaustão emocional dos profissionais da educação. Como evidenciado nesta pesquisa, para alguns professores, com o advento da pandemia alguns sintomas já pré-existentes se agravaram e outros desenvolveram sintomas em decorrência de todas as mudanças e pressões vivenciadas neste período. Assim, neste contexto de pandemia,

ênfatiza-se a importância da psicologia enquanto auxílio no tratamento e no cuidado com a saúde desta classe profissional, da educação, que é tão importante para a sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sobrecarga e a ansiedade se mostraram como os maiores sintomas relatados pelos professores, mas a variedade de sintomas apresentados demonstra que estas mudanças ocasionadas pela pandemia e pela forma de ensino afetou os profissionais de formas variadas. Assim, entende-se que o apoio psicológico deveria ser oferecido para auxiliar no suporte a estas mudanças, visto que o professor precisa oferecer um bom trabalho para que o ensino aconteça de forma efetiva. Ainda, pode-se destacar que a falta de suporte em forma de treinamento e ou auxílio financeiro foi um dos principais causadores de estresse entre os profissionais, uma vez que acostumados às aulas presenciais, não necessitavam de lidar com as ferramentas tecnológicas para lecionar e com as mudanças precisaram adquirir os equipamentos e aprender em pouco tempo a lidar com os aplicativos.

Ainda, ao levar este trabalho para casa, é destacado que o tempo de suporte às famílias invadiu o período de descanso dos profissionais, pois estar *online* virou sinônimo de estar disponível e os limites entre horário de trabalho e momento de descanso, se tornaram tênues. Assim a sobrecarga que já acompanhava os professores que, além das aulas, preparavam os materiais em casa, invadindo sua rotina, agora também é somada ao atendimento aos pais e superiores através dos aplicativos fora do horário de trabalho, como noites e fins de semana.

De forma geral, pode-se perceber que a saúde do profissional piorou e é necessária uma intervenção para auxiliar estes profissionais. Porém, ao se limitar a buscar como a pandemia do Covid-19 afetou a saúde mental dos professores do ensino fundamental das escolas públicas, esta pesquisa não abarcou as consequências da pandemia nas famílias destes alunos, assim, para futuras pesquisas, entende-se que é importante investigar essas consequências, principalmente junto às crianças, para poder mensurar os resultados sobre a educação e aprendizagem a curto e médio prazo, bem como entender as adaptações familiares para esta nova forma de educação que, ao que se mostra, será cada vez mais presente. Ainda como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se investigar o motivo pelo qual os professores apresentam baixa procura por tratamento de saúde mental, bem como os impactos nas políticas públicas de saúde decorrentes dos adoecimentos destes profissionais.



## REFERÊNCIAS

APA, American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2014.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. 70ªed. São Paulo, 2011

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 16 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 . Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_1dbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_1dbn1.pdf) . Acesso em: 5 mai. 2020 .

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CPN. 5/2020 de 28 de abril de 2020b . Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category\\_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 16 jun. 2020

BRIDI, M. A. Teletrabalho em tempos de pandemia e condições objetivas que desafiam a classe trabalhadora IN: **A Devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia / organização Dalila Andrade Oliveira, Marcio Pochmann**. -- 1. ed. -- Brasília : Gráfica e Editora Positiva : CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, 2020.

BRIDI, M.A.; BEZERRA, G.U.; ZANONI, A.P. O trabalho remoto e as condições das mulheres no contexto da pandemia COVID-19. **REMIR**, 14 de dezembro de 2020. Disponível em:

<[https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos\\_2020/Trabalho\\_remoto\\_e\\_gnero\\_2\\_-pandemia-\\_artigo\\_Uehara\\_\\_Zanoni\\_e\\_Bridi.pdf](https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/Trabalho_remoto_e_gnero_2_-pandemia-_artigo_Uehara__Zanoni_e_Bridi.pdf)>. Acessos em: 12 de abr. 2021

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, 395(10227), 912-920. (2020). Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

CIPRIANO, J.A; ALMEIDA, L.C.C. Educação em tempos de pandemia: análises e implicações na saúde mental do professor e aluno. **Revista CONEDU** (Anais VII CONEDU)

outubro, 2020. Disponível em:

<[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA18\\_ID6098\\_31082020204042.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA18_ID6098_31082020204042.pdf)> NO TEXTO TA CRIPRIANO>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

DIAS, E; PINTO, F.C.F. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-554, Sept. 2020. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362020000300545&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545&lng=en&nrm=iso)>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

FARO, A.; BAHIANO, M.A; NAKANO, T.C; REIS, C; SILVA, B.F.P; VITTI, L.S. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 37, e200074, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso)>. Acessos em: 24 de mar. 2021. Epub June 01, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: editora Atlas S.A. 2002.

LADEIRA, T.A.; PRADO, P.A.; INSFRAN, F. Adoecimento e medicalização de professores do noroeste fluminense antes e durante a pandemia Covid-19. In: INSFRAN, F.; CALLAI, C.; ANDRADE, F. M. R.; GOMES, G. R. R.; MIRANDA, J. C. (orgs.). **Pandemia e suas interfaces no ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 380p. Disponível em: <<https://pedroejoaeditores.com/wp-content/uploads/2021/01/ebookPandemia.pdf#page=184>>. Acessos em: 12 de fev. 2021.

LOPES, I. R. R. . Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras. **Revista Caparaó**, v. 2, n 2, e24, 2020. Disponível em: <<https://revistacaparao.org/caparao/article/view/24>>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

MELO, L. S.; CERDEIRA, V. A. A. A afetividade no contexto da educação infantil na relação professor e aluno. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, Ano VII v 13, n 2, dezembro, 2018. Disponível em: <[http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/XjuV637dduLgVX3\\_2020-6-19-19-10-11.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/XjuV637dduLgVX3_2020-6-19-19-10-11.pdf)>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

PACHECO, J.M.F. **Escola da ponte: uma escola pública em debate**. São Paulo: Cortez, 2015.

PEDROSO, A. P. F. A Teoria Sócio-Histórica de Vygotsky e o Papel da Cultura no Desenvolvimento Humano: considerações a Respeito da aprendizagem escolar na perspectiva dos educandos jovens e adultos. **Revista Interdisciplinar Sulear**, v. 1, 2019. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/3948>>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

RODRIGUES, A.M. S.; SOUZA, K.R; TEIXEIRA, L.R and LARENTIS, A.L. A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro**, v. 25, n. 5, p. 1.829-1.838, maio 2020. Disponível em: <DOI: 10.1590/1413- 81232020255.33222019>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M.A ; BOLZE, S.D.A; NEIVA-SILVA, L. ; DEMENECH, L.M. SCORSOLINI-COMIN, F; ROSSATO, L; SANTOS, M.A. Saúde mental, experiência e cuidado: implicações da pandemia de COVID-19. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 21, n. 2, p. 1-6, dez. 2020 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702020000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200001&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

SILVA, E. F.; MORAIS, M.L.; UNGER, P.; BATAGLIA, R.; MORAIS, A.; ANTONELLI, S. A.; BRABO, M. À sombra da educação tradicional: quando a educação e formação em valores se voltam para gênero e sexualidades. **Revista humanidades e inovação**. v. 7 n. 8 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2427>>. Acessos em 13 de abr. 2020>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

SILVA, N.R.; BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, e230048, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100240&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100240&lng=en&nrm=iso)>. access on 11 Apr. 2021.

SOUZA, F.M.; AGUIAR, S. 2020 O papel da TV digital no ensino remoto em tempos de pandemia. **Comunicação & Inovação**. v. 21, n. 47, p. 232-249. São Caetano do Sul, SP. 2020 Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/download/7220/3191/23216](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/7220/3191/23216)>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

SOUZA, K.R.; SANTOS, G.B.; RODRIGUES, A.M.S.; FELIX, E.G; GOMES, L; ROCHA, G.L; CONCEIÇÃO, R.C.M; ROCHA, F.S; PEIXOTO, R.B . Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, e00309141, jan. 2021. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462021000100401&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462021000100401&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 16 mar. 2021.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **COVID-19: More than 95 per cent of children are out of school in Latin America and the Caribbean**. Março de 2020. Retrieved from Disponível em: <<https://www.unicef.org/press-releases/covid-19-more-95-cent-children-are-out-school-latin-america-and-caribbean>>. Acessos em: 21 de mai. 2021.

VERDASCA, J. A escola em tempos de pandemia: narrativas de professores. **Saber & educar**, [s.l.], n. 29, jan. 2021. Issn 1647-2144. Disponível em:

<<http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/403/451>>. Acesso em: 25 abr. 2021. Doi:<http://dx.doi.org/10.17346/se.vol29.403>.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas** (UNICAMP), v. 44, p. 201-218, 2015. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 02 de out. 2020.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas** (UNICAMP), v. 44, p. 201-218, 2015. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 02 de out. 2020.

VIO, N.L; PASCOAL, I.O; CAMARGO, M.L; FEIJÓ, M.R. COVID-19 e o trabalho de docente: a potencialização de aspectos precários. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v.6, n.10,p. 78717-78728, out. 2020 Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/18345>>. Acessos em: 12 de abr. 2021.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.